



Vigiando o rebanho

(Quadro de B.)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIR'CTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de nform çã graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 4\$800  
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,  
acresce o impor e das despesas.

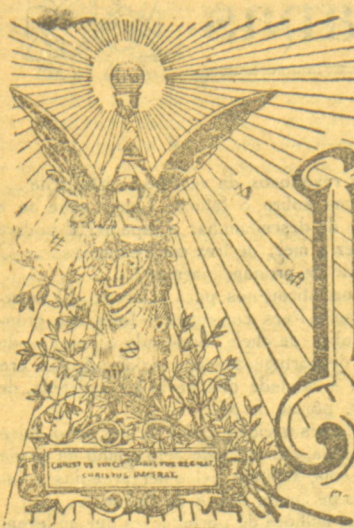
*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs

**Numero 288**

Braga 8 de Fevereiro de 1919

**Anno VI**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 8 de Fevereiro de 1919

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 288—Anno VI



MAJOR ALBERTO MARGARIDE

antigo governador civil do Porto e commandante da columna militar que por ordem da Junta militar do Norte foi combater as forças revolucionarias de Villa Real.

# Chronica de tres semanas



11 de janeiro...



**A**QUILLO da Junta desfechára no imprevisto. Dias antes, á porta d'um café em Braga, chegara do Porto resfaldando, e salpicado de lama, um automovel. Apeára-se d'elle um official de rosto bronzado que se puzera á fôla com os dois chefes do movimento militar na cidade dos Arcebispos.

D'ahi a bocado inquiri de um dos dois ultimos se havia boas noticias, e ouvi esta resposta serena e sorridente: — Não podem ser melhores...

O Coronel Ramos partira para Lisboa a conferenciar — mais uma vez! — com o governo. As *démarches* estiradas por longos 30 dias, enervavam. O governo ganhava tempo para organizar a resistencia. Ajuntara em Santarem e no Eatroncamento numerosas forças. De Lisboa vinham apenas noticias de conferencias dos delegados do movimento militar, ora com Canto e Castro, ora com Tamagnini Barbosa que Joaquim Leitão, chamando-lhe *Canarim*, matara politicamente havia dias n'uma chronica para a *Liberdade* e que o manifesto da Junta (o unico documento infelicitosamente escripto que ella publicou) acabava de esfoiar na vespera...

Soube mais para a tarde que a Junta decidira aguardar por 24 horas mais a rendição do governo e findas ellas, romperia as hostilidades. Esta noticia regosijou a todos. Era esse o gesto necessario. A questão do regimen (repetiam-no em gesto normando os jornaes monarchicos mais categorizados) estava arredada. Tractava-se de manter a obra de Sidonio Paes, começando por um forte saneamento no paiz, de todos os elementos de desordem...

A situação exigia uma capitulação dos politicos. Censurava-se o haverem recolhido a quartéis as forças de Lisboa que tinham retirado para Monsanto, e alguém que sabia o que lá se passava, alludira a hesitantes titubeios de Jayme de Castro.

Isto foi n'uma 6.<sup>a</sup> feira. No sabbado parlia eu com o dr. Bivar, a fundarmos, uma J. C. em S. Cosme do Valle no domingo. E quando no dia immediato desciamos do carro á porta d'uma pharmacia, em Villa Nova, aguardando os jornaes do Porto, estes traziam-nos a noticia de que o prazo imposto pela Junta expirava sem se receber resposta de Lisboa, e que consequentemente iam começar as hostilidades...

Na Trofa, dois dias depois, vinha ao meu encontro a noticia da formação de um governo de transigencia em Lisboa, com quatro representantes da Junta. Foi um desapontamento geral. Não fazia sentido que as espadas fossem embolladas, que a Junta parlamentasse (para afinal transigir) por mais doze horas além do prazo combinado, com o inimigo, contra quem abrisse o rompimento das hostilidades. Estava fora dos usos da guerra, do proprio decôro militar!

... A sequencia dos acontecimentos provem depois que a Junta dêra um golpe politico em Lisboa, não isentô de habilidade, obrigando Tamagnini Barbosa, que ia formar um gabinete de esquerdas, a constituir o sob fortes compromissos, com todas as forças das direitas, tornando todo seu futuro de politico dependente dos votos parlamentares conservadores, catholicos e monarchicos das duas Camaras, e da sua obediencia á vontade das forças militares que representavam o pensamento politico de Sidonio Paes.

Ha dias Tamagnini Barbosa obteve um grande triumpho na Camara com as suas affirmações e pareceu a todos que a solução encontrada fôra, provisoriamente, a melhor, — fora da sangrenta, pelas armas...

Sentem-no os republicanos radicais que ouviam de soltar em Santarem um grito de revolta, repouando escassamente nas provincias não dominadas inteiramente pela Junta.

A revolta deve estar já totalmente subjugada á data em que tomo estas notas, e pelo que vejo dos telegramas. Mas de Lisboa ouve-se de novo a voz de Tamagnini Barbosa of-

ferecendo a mão aos revoltosos da vespera, e isto irrita... avoluma desconfianças sobre o futuro. Quem sabe se a Junta fará novamente de desembainhar a espada? E poderá estar a fazel-o de mez a mez, de trez em trez mezes... O paiz aguenta uma série de pronunciamentos?...

A morte do Heroe, atirou-nos para o incerto. O incerto é a surpresa. Sidonio Paes conseguiu — foi a sua grande, a sua admiravel obra de chefe illuminado e bom! — de convencer 5 milhões de portuguezes que jaziam, de que era sua a força, era sua a vontade que devia ser satisfeita, de que podiam accordar, pôr-se de pé.

Esta conquista da resurreição civica de um povo, fel-a aquelle Homem cuja alma, atormentada pelo sonho da gloria da patria, foi para Deus, subindo pelas nervuras das columnas e das abóbodas de Santa Maria de Belem...

E o gesto d'esses milhões de portuguezes que se levantam, symbolisou-o Theophilo Duarte, quebrando a tampa de vidro da urna, para beijar a frente d'aquelle de quem, nem mesmo assassinado, o povo quer separar-se ao caminho para o triumpho de redempção que Sidonio Paes lhe apontava...

## A Restauração...

Surpreza para quasi todos, feita no Porto pelo exercito, commandado por Couceiro, installada 48 horas depois em tres provincias, ao bimbalar dos sinos, e ao rumar das acclamações das aldeias, emquanto os republicanos altonitos perguntam como foi, mal refeitos do imprevisto que os assalta e os expulsa dos postos fruidos ha 9 annos — a Restauração é um facto.

E a principio, accusando todas as características d'uma aventura em que embarca metade do paiz, apresenta-se dois dias depois como um acto realiado no momento em que pelo menos possuia 50 por cento de probabilidades de bom exito, não sendo de espantar que por villas e aldeias um povo, callado nas concentrações do seu trabalho, que soube acenar dos campos ao heroe de dezembro quando veio até elle, a Restauração fosse encontrar acclamadora recepção, que encontrou nas tradições populares ainda bem vivas!

Ha um forte sedimento republicano em Lisboa; ha um forte sedimento realista nas provincias. Chocaram-se sempre. Abrem entre si um fôso de trincheira agora.

A caracteristica militar do movimento, junta a esses dois factores, indica que a guerra civil é inevitavel porque nada assegura que Lisboa haja feito a monarchia ou seja sequer capaz de a fazer.

Parece que um movimento revolucionario por lá estalou. Servirá quando muito para nos explicar porque é que o governo não tomou as suas medidas, rapidamente, por terra e mar, contra a insurreição que se espraia — não esquecendo tambem que o espirito militar (desde que Norton de Mattos chamou ás fileiras para a lançar para a fornalha da guerra uma geração inteira não — republicana) não é tão *foncièrement* pela republica, como ha seis annos.

Sopezados todos estes elementos em jogo e recordando o estado politico á data do movimento do Porto, é facil de prevêr que uma lucta enorme se desencadeie, que a guerra civil, de novo, tele os campos portuguezes.

Independentemente de todos os bons desejos, só n'esta altura, isto é, quando a guerra se desdobre, será possivel avaliar das probabilidades da victoria. Quiçã o possam já estabelecer aquelles que ficaram na capital.

De cá, apenas é possivel fixar e assentar na inevitabilidade da lucta, e na difficuldade da repressão d'uma onda insurreccional que avassalou tres provincias. A lucta será demorada, a menos — o que provavel não reputo — Lis-

boa republicana não seja rapidamente vencida. A dificuldade da repressão, agravando a violência d'esta, só proferirá mais o combate.

Por tudo isto eu encaro seriíssimo os acontecimentos que podem envolver outros de ordem economica e financeira importantissimos, e bater em repercussões além-fronteiras; e considero leviandade contribuir para as illuções de muitos que os estão encarando de animo leve, como um compasso de dois tempos.

Certo que para um triumpho a lucta é uma base de consolidação; certo que as populações estão radiantes; certo que a figura de Couceiro é, além dos brilhantes officiaes que o rodeiam, uma garantia de que a Restauração não seria ou será uma resurreição do corrupto corpo politico que cahiu de pôdre, apoz 70 annos de dominio, em outubro de 1910 — e se o fôra, mais valia não a tentar sequer porque a republica teria tambem dentro em pouco a sua Restauração.

Mas não basta sonhar. A hora é gravíssima! Um passo em falso e uma derrota são a catastrophe, e ninguém sabe quem escaparia d'ella áquem fronteiras.

A obra de uma Restauração é muito maior que a da reposição d'um regimen. Ultrapassa-a. Tem de ir reatar tradições de ha quasi um seculo, n'uma Europa que ainda o não comprehendeu.

Para onde vamos?

Na Batalha a multidão aclama Couceiro. Automoveis cruzam-se em varias direções, como os boatos. As noticias vivem quando muito uma hora no credito abalado da opinião assustada pelos republicanos. O dia d'amanhã é mais grave do que o da vespera...

Para onde vamos? Por ora para a guerra civil que exige o sacrificio de todos, embora nem todos n'isso se achem convencidos.

Esses, os que pensam que tudo se resume em girar e disparar morteiros, metter pêtas, regirar d'auto mobilisado, ou em entoar o

Portuguez é chegado

já que ainda não pode ser traçado o

Rei chegou!

### 31 de Janeiro, no Porto...

Ha duas gerações que portuguezes não viram o horror da guerra civil. Só nossos avós e bisavós souberam o que ella foi em verdade — quando familias inteiras cahiam dizimadas pelas balas dos sicarios e pelas balas dos combates... E nós, seus netos e bisnetos, quedavamos de olhos espantados ao ouvir-lhes contar como aquillo fôra. A sua voz finha ainda acentos d'uma fé, d'uma convicção de outras raças, mais fortes e mais sãs do que as nossas, e na verdade sentiamo-nos pequenos ante aquella grandeza de sacrificios...

Eu quizera vê-los sorrir agora aqui, n'este Porto do cerco, da chusma de alarves que boateiam, sob o tremelique das pernas e dos braços... Eu quizera vê-los a pegar n'um cacete e a deslomar os meninos que, açodados, incommodam amigos e parentes para alcançar — é um grande favor, um grande favor que eu lhe pedia... — um logarsinho de secretario de ministro!

Como elles ririam a bam rir, os nossos avós, e os nossos bisavós!

Elles começariam quiçã por perguntar se effectivamente isto é guerra civil, com T. S. F., com comboios, *krups*, *canets*, e automoveis — sem cavalgadas noite fôra, por caminhos do dêmo, de bacamarte aperrado e réguas nos col-dres, sem guertilhas a monte, sem ciladas, sem malas postas, sem proprios a levar e a trazer recados a leguas de distancia, n'uma palavra — sem grande risco...

Porque, leitor amigo, isto é, com effeito, gravissimo, isto é uma insurreição, isto é a guerra civil, mas a guerra civil á seculo XX, e na Europa civilisada. Falla-se pelo telephone, e outro dia só porque se desarranjou o arêlho do posto radiographico de Monsanto, houve por ahí um sus-

surro de medo que faria rir a bandeiras desprezadas os nossos avós e bisavós que passavam mezes sem noticias?...

Ainda hontem pelo telephone o muito illustre dr. X. me perguntava para a redacção:

— Mas que ha? mas que ha?

— Eu não sei nada... a não ser um serio combate em Aveiro, sr. dr... um serio combate em Aveiro!

— E de Lisboa?

— Nada se sabe tambem, tornava eu, cheio de francis-canissima paciencia.

— Ah! mas a Junta devia socegar a gente... devia tranquillisar a gente!

— Então que quer que lhe faça, sr. dr, que quer, respondia eu. Ella não tranquillisa a v. ex.<sup>a</sup>!...

— Boa noite...

— Que v. ex.<sup>a</sup> a passe muito bem sr. dr.!

... E é isto todas as noites! E é isto todos os dias! E se caio em dizer a alguém que a situação é seria, que uma guerra civil não é brincadeira nenhuma, resolvida a vivório e morrório, a sópro de trompa e á força de abraços — menino, que delirio, aquillo lá em cima — se caio em dizer tal, então é ouvir o cidadão eudaz, de olhos fitos em mim:

— Você que diz? Isto é serio?! Então... mas eu suppunha!

E eu tenho de acalmar o homem, coitadinho, todo a fremer:

— Que pena que você suppuzesse! Não torne a suppor, não?

E elle lá fica, mais socegadinho, como uma creança que acordou de noite a chorar, porque viu em sonhos o papão, e a quem a mamã vem dizer de mansinho que se calle, e que durma, porque o papão se foi embora! Se quizessemos empregar linguagem adequada a doentes de anemia, devíamos dizer que uma quarta parte da população da cidade está sendo o histogenol das outras tres! Isto afinal de contas é o Porto êthico, a tuberculose do medo que agora ataca a valer pelo fundo das costas os organismos!

Que agora ataca, digo eu. Porque os primeiros oito dias, quando as pêtas se arredondavam em *placards*; quando os morteiros estrondeavam, e as senhoras vinham alli pelos Clerigos abaixo com seus vestidos de velludo muito bonitos, e suas peliças finas quasi a afogar-lhes uns olhos, uma bocca, e um nariz eu queixo *dernier cri*; quando o *isto vae n'um prompto* se escutava rapido e decisivo, como um fecho a dar o estalido secco sobre o cahir da tampa d'uma arca; quando o ideal era a fitinha azul e branca na lepella, o hymno da Carla, mesmo pela philermonica de Recarei, e dar a quem apparecia os parabens murmurando o fatal: — *finha que ser, meu amigo*; ah! n'esses primeiros oito dias, o leitor não imaginá! ninguém acreditava que desde janeiro, o paiz estava em guerra civil, que o movimento, dada a sua magnitude só pôde liquidar — tenham paciencia, eu sempre digo! — á bordoadada, e no fim de dez, de vinte dias ou um mez, tempo durante o qual eu não ninguém sobre os fronses que passaremos!

Ninguém acreditava...

Hontem ao principio da noite chovia meudinho, e fazia frio, muito frio... O céu finha uma cor acarvoada... Custava a avistar, ao reflexo das luzes electricas a primeira varanda da torre dos Clerigos.

E a certa altura passaram dois *autos* da Cruz Vermelha com feridos.

Eu approximara-me da borda do passeio para vêr melhor. A meu lado estava um negociante, a quem costume comprar meias. E quando os *autos* passaram, elle inclinouse para mim um pouco!

— Dr., já ha feridos!... Vem ahí o meu carro, adeus... Isto está fôcco... com a *raio*! Adeus!

O que dizia elle á pobre da familia, ao jantar!... Comerá a soper?...

Foi d'ahi a minutos que começou a circular, a circular, a circular na cidade, sem se saber d'onde viera, sem que o quartel general a confirmasse, a noticia de que Corte-Real Machado obtivera novo triumpho em Aveiro...

F. V.

## O nariz na medicina.



VIMOS no ultimo serão o que a cirurgia tem feito em beneficio do nariz. Não posso deixar sem serão especial os carinhos que a medicina tem dispensado a este órgão proeminente do rosto humano. Brevidade, brevidade! Que se eu desse a cada um d'estes capitulos da encyclopedia narizal a amplidão de que é susceptivel, cada capitulo daria um volume! Imaginem que só sobre as doenças do nariz ha dezenas de volumes! Nós vamos encher este serão com algumas noções extrahidas do XXVII volume do *Nouveau traité de Médecine* de Gilbert e Thoinot, volume cuja primeira metade (150 paginas) é consagrada ao nariz.

Bibliographia primeira: *Creswel Baber* publicou em 1886 em Londres uma *Guia para o exame do nariz*; *A guide to the examination of the nose*, pelo que o leitor já fica entendendo, apesar da apparente simplicidade do nariz, que só para ser examinado a preceito é preciso uma *guia*, uma especie de *Baedeker* nasal. Pois d'aquelle anno para cá em medicina tem apparecido uma verdadeira bibliotheca nasal: o *Tratado das doenças das fossas nasales* de *Moldenhaner*, 1888 (ed. Paris), a *Therapeutica das doenças das fossas nasales*, de *Lermoyez*, Paris 1896, o *Diagnostico e tratamento das doenças do nariz*, de *Garel*, 1897, e os outros volumes de *Inckerkandl*, 1895, *Sieur e Jacob*, 1901, *Lubet-Barbon e Sarremonc*, 1904, *Chiari*, 1905; *Zarnico*, 1905; *Neumayer*, 1906, e o já citado volume do tratado de Gilbert e Thoinot. De 1908 para cá não pude, ao redigir este artigo, apontar as novidades em litteratura medica do nariz.

Espero que esta extraordinaria attenção prestada pelos medicos ao nariz insinue no animo dos leitores uma alta ideia do valor d'esse órgão. Ser senhor do seu nariz, expressão que denota uma qualidade cada vez mais rara, é ser senhor, mesmo só physicamente, de qualquer coisa mais que o órgão do olfacto.

«O nariz, escreve no citado XXVII volume do *Traité de médecine* o dr. *Adolpho Cartaz*, o nariz tem funções multiplas cuja importancia só foi posta em evidencia n'estes ultimos annos.

Esquecia-se, por demais, que o nariz, sentinella avancada das vias respiratorias, segundo a expressão figurada d'um physiologista, presidia á entrada do ar e a sua penetração nas partes profundas do aparelho bronchopulmonar, que o mantinha n'um estado de humidade e temperatura conveniente. O papel olfactivo, o unico que se apreciava d'antes, deve ser relegado para um plano secundario.»

Entregue assim o nariz ás investigações dos medicos, surgiu uma nova sciencia, um novo ramo da sciencia medica, a *rhinologia*: tratado do nariz.

Para o leitor fazer uma ideia d'esses estudos, percorramos as divisões do citado volume. Para examinar o nariz (rhinoscopia) descreve o auctor os dois meios, a rhinoscopia anterior, de diante para traz, e a rhinoscopia posterior, por meio de espelhos, de traz para diante, havendo duas especies de *speculums*; os tubulares e de valvula, etc., etc. Observando o estado physico do nariz, passa-se a estudar as perturbações pathologicas, a *semiologia funcional*, como se diz em linguagem tecnica. E aqui estudam-se as funções do nariz: a respiratoria, a phonativa, a olfactiva e a defensiva. Benemerito nariz! E' elle, segundo *Aschenbrandt*, *Kayser*, *Bloch*, *Macdonald*, *Goodale* e outros experimentaram, quem eleva a temperatura do ar que respiramos; é elle que faz de caixa d'e resonancia, como a do gramophone, e reforça as harmonicas e dá ao som timbres especiaes; é elle que nos adverte sobre as emanações boas ou más do corpo, sendo um poderoso auxiliar do paladar, cujo bom es-

tado joga de harmonia com a integridade do olfacto. E como se ainda fosse pouco, e afóra o papel esthetico, que já apreciamos, é elle ainda que desempenha as funções de policiamento das vias respiratorias, prendendo nos seus pelos, (vibrissas) os germes que andam no ar, detendo o pó e os microbios, com as suas secreções, e não só os detem, mas mata-os — receita que toda a gente ahi pretende ver applicada aos demagogos da nossa terra. *Wurtz* e *Lermoyer* haviam demonstrado que o muco nasal, segregado em condições normaes, gosava de um poder microbicida analogo ao de certos sóros, e que porisso a cavidade nasal é uma cavidade naturalmente aséptica. E embora aquellas experiencias fossem desmentidas em partes por outros, o certo é que se o muco nasal não tem poder destruidor, constitue, pelo menos, um meio de cultura pouco favoravel. E', n'uma palavra, pelo menos uma . . . censura severissima ao ar que introduzimos no organismo.

Ái de nós quando, por outro lado, essa censura é . . . demasiada! Lá está o capitulo que trata da obstrucção nasal, para mostrar, n'esses casos, pela privação, todo o valor das funções respiratorias, phonativas, olfactivas e defensivas do nariz! Impossivel, n'um breve artigo, acompanhar o desenvolvimento d'essas repercussões, até na falla; nenhum de nós desejaria vêr-se obrigado a *fallar pelo nariz*; especie de perturbação a que os medicos chamam, com voz grêga, *rhinolalia* e nós, caseiramente, *fanhosice*.

Outra origem de perturbações provenientes do nariz está nas modificações das secreções, nasaes, tanto sob o ponto de vista (por signal que bem pouco viscoso) da quantidade d'essas secreções, como da sua natureza. Acrescem ainda perturbações circulatorias, com os seus efeitos, sobre a coloração ou descoloração da pituitaria, menos arrebitantes que a coloração exterior do nariz.

Segue-se o longo capitulo sobre as hemorragias nasales, que todos nós conhecemos, embora nem todos conheçamos os remedios *urgentes*, que o tratado manda não desprezar. Além de outros, qua por justos motivos não indico (vejam-se a pag. 40) diz este tecnico do nariz que um meio simplicissimo e *trop peu connu* é muitas vezes effcaz, para fazer parar hemorragias nasales: é comprimir a aza do nariz, do lado d'onde se dá a hemorragia, ou melhor, apertar o nariz entre dois dedos.

Ainda percorremos só umas quarenta paginas do tratado de medicina nasal. Se devermos acompanhar os technicos na exposição de todas as outras affecções de que é susceptivel este importantissimo órgão, teriamos para mais serões. Fiquemo-nos, pois, por aqui, com um ultimo conselho, suggerido pela pavorosa mortalidade na ultima epidemia.

Se desde os primeiros rebates as populações fivessem resolvido reduzir o mais possivel a respiração pela bocca, respirando pelo nariz, muitos não teriam sido contagiados, porque, como vimos, o nariz é o filtro natural que a providentissima natureza collocou precisamente onde os perigos eram maiores. Como as pessoas edosas, segregam mais muco nasal e ostentam maior fartura de pelos no nariz, não seria esta a causa porque a doença poupava mais as pessoas avancadas em annos? Que o digam os Esculapios, que eu lavo d'ahi as mãos com que afago, reconhecido por tantos beneficios, o nariz que Deus me deu!

Para que nos deu Elle um nariz que se não fecha, e uma bocca que se fecha, se não para que fechando a espaoça a bocca e conservando sempre o nariz em acção, nos defendessemos dos inimigos que tentam invadir-nos o organismo?

Oh se todos soubessemos o valor do nariz!

# A uma orphã

N'aquella campã tão sósinha, tão gelada,  
Com o epitaphio tão singelo, breve e chãõ,  
Orphã gentil, repouisa a tua bem-amada,  
Teu coração.

Alli repouisa a tua Mãe, a bella extincta,  
Que teu Pai largo tempo em delirio, chamou,  
Até que enlouqueceu... Lá anda, corda á cinta,  
Sem vêr que sou.

Tão seu amigo, tão seu d'alma, tão irmão,  
Que o meu martyrio summo, ó minha filha, é vê-lo.  
Curvado e livido, a fitar o pó do chãõ,  
Cheio de gêlo.

E' bem alli que a tua dôce Mãe repouisa,  
Que espera a voz, o amor, o ardor, o bem das preces..  
Curva a fronte de neve, e fita aquella loisa...  
Vê se a conheces.

Alli os goivos têm mais côr, e mais aroma :  
Alli a relva tem mais perolas, frescura,  
Como se a sua farta e linda e loira côma,  
Da sepultura,

Viesse alimentar as miseras raizes...  
Será illusão : mas julgo mesmo aquella cruz  
Mais bella que nenhuma, e entre tantos matizes,  
Que até dá luz !

Mas fallemos baixinho ! Eu julgo agora vê-la,  
A' tua santa Mãe, suprema de fulgor,  
Voltada para tí, como uma enorme estrella  
Feita de Amor.

Orphã gentil, tu choras tanto ! ... Não soluces,  
Porque a trespassas, dilaceras, allucinas...  
E olha que a campã é abysmo, crê : não te debruces !  
Se mais te inclinas,

Dode vir a traidora, a Parca, a hostile magera,  
E levar-te, ó filhinha espiritual e dôce,  
Toda essa luz, esse esplendor de primavera,  
Como se fôsse

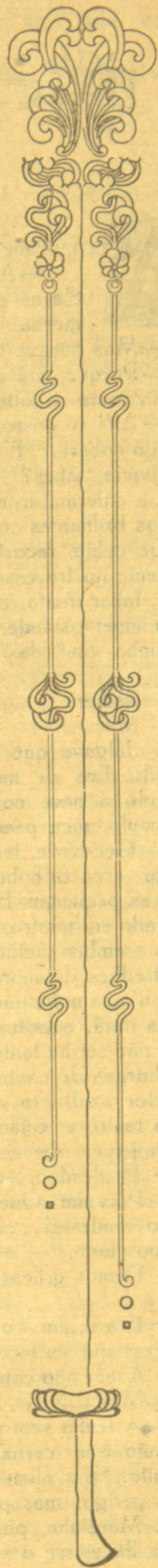
A uma florinha que da haste se arrancasse...  
E que seria de teu Pae, e até de mim,  
Sem essa vida que angelisa a tua face,  
Neve e setim ?

Rezêmos, sim, baixinho, e tão devotamente,  
Com tanta fé, com tanta calma, tanto ardor,  
Que não se muda o Lago em turgida Torrente,  
Em Cardo a Flôr.

E digamos, de mãos nas mãos, d'olhos nos olhos,  
Resignados, sorrindo á angustia, á desventura,  
A' solidão, á morte, ás ancias, aos abrolhos,  
Em preee pura :

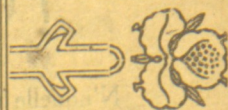
— Tu és feliz, ó santa, és ditosa e bemdita,  
E nós tambem... que o palpitar d'esta saudade  
Ha-de ter paz na luz de Deus, luz infinita,  
Na Eternidade !

*Josê Agostinho.*





# O REGRESSO



AINDA cañe neve?

— Ainda, mãe. Tudo coberto!...

Casas e serras, é uma toalha imensa.

— Mas porque tenho eu tanto calor?

— Porque está accessa a brazeira. E deitei-lhe na cama o cobertor azul...

— Ah! o nosso velho e querido cobertor! E' uma santa reliquia, sabes?

É a enferma, transparente, d'olhos brilhantes como a neve que cahia, recostou-se febilmente no travesseiro, para fallar, fallar muito, com o fogo, a impetuosidade, a paixão que tinha em todas as palavras.

— Esther...

— Mãesinha!

— Julgava que o tivesse vendido. Era de meus avós. Quando a neve cobria esse Caramulo, meu pae dizia logo: — Genoveva, tem de sahir da arca o cobertor azul para as pequenas. E' grande. Dobrado em quatro, aconchega-as a ambas melhor do que os edredões do morgado.

É n'essa noite que alegria! Minha irmã, a pobresinha de quem não sei ha tantos annos, até chorava de contente. Este cobertor azul, ora vê, aconchega tanto, e é tão bonito! Mas hoje pesa demais, Esther!

— Eu desdubro-o.

— Pois sim! Que alegria! Não o vendeste!... E, afinal, falta-nos tudo.

— Demos graças a Deus, mãe!

— E a tí, um seu anjo. As despesas que eu faço...

— A mãe não come nada. Que despesas faz?

— Mas o lume...

— A lenha vem por esmola. Os phosphoros não são caros. Mas vamos: não falle muito. Sem alimento vem a febre. Não ha ainda perigo, mas pode have-lo, que a febre gasta. Mãesinha, porque não faz por dormir? Talvez lhe viesse o appetite. A senhora morgada

mandou ha pedaço um jantarsinho. Ah! se a mãe comesse!

— Também comias?

— Eu?... Não. Mas não, porque já comi.

— Hontem...

— É a mãe ha oito dias...

E a enferma, de olhos mais fusilantes ainda,



A Senhora D. Augusta Victoria, esposa do Senhor D. Manoel de Bragança

fez um gesto de tristeza, reflectiu uns momentos e depois deixou cahir a cabeça pesadamente, cerrando os olhos, socegada como se tivesse perdido toda a sua angustia.

Esther sentou-se perto, rezando.

Depois pensou n'aquella vida, tragica miseravel.

O pae morrêra no outomno, golfando os pulmões.

E a viuva poucas semanas affrontara de pé o desgosto.

Nos principios de dezembro, sentira uma pontada no hombro, e tomara-a um accesso de tosse sêcca. Quando a tosse parou veio-lhe uma hemoptyse e nunca mais pôde comer sem vomitar depois quasi todos os alimentos. Tornou-se nervosa, espavorida, sujeita a crises de choro e riso. O rosto escavou-se-lhe como uma

A morte voltaria? E que viria com a morte?

A esta pergunta intima, Esther cahiu de joelhos.

Soluçou e rezou.

A mãe devia dormir.

E dormia decerto.

Estava mais branca, mais plácida, mais bella.

Lembrava a linda senhora do retrato de noivado, aquelle retrato que Esther tinha debaixo de imagem de Nossa Senhora.

Ah! a dama do noivado era aquella mesma que dormia agora, mais velha, mais pobre, mais triste, mas que parecia remocada pelo somno. Quem sabe se iria haver um milagre?

Sim, sua mãe dormia tão tranquilla, que nem se ouvia respirar.

\*

Bateram n'isto á porta, com vigor cadenciado.

Quem seria?

Algun caçador perdido nas lombas do Caramulo?

Algun malfetor? Algun d'esses famintos que o desespero leva ao crime?

Mas os salteadores não assaltam choupanas. Os famintos desvairados correm ás cidades, aonde ha riqueza e orgia.

O cheiro da pobreza desillude depressa os bandidos errantes.

Continuavam, porém, a bater, e uma voz feminina gritou de fóra: — Genoveva! O' Genoveva!

Genoveva! — dizia, clara e ternecidamente, a voz.

Uma conhecida! Uma amiga talvez!

E Esther correu a abrir, pensando sempre no divino milagre.

E uma senhora, já anciã, de rosto aberto e festivo, entrou, de braços erguidos n'um gesto effusivo, correndo para ella em arcia.

Seguiam-na dois creados do morgado e ella ia dizendo com vivacidade e ternura:

— Sou eu, a tua irmã... Ah! e a menina... E's a minha sobrinha, pois não és?

E já abraçava e beijava Esther, mas logo se continha, derramando lagrimas.

— Que pobresinhas! Ao que chegastes, coitadas!

Depois, fremente de jubilo, proseguia no tom voluvel das impressões apaixonadas:

— Mas Deus lembrou-se de vós. Venho do Brazil. Lá deixei sepultado o marido ha tres mezes. Que Deus o tenha na gloria. Ha quan-



A Senhora D. Maria Amelia

alongada mascara, devastada desde a fronte aos molares.

Começou a não poder andar, e passou semanas sentada, ora rezando afflicta, ora fallando e rindo n'um impulso que deixava os ouvidos maguados.

Depois cahiu de cama, com rosêtas nas faces e profundas as olheiras.

Tinham, entretanto, vendido quasi tudo. A caridade do morgado representava adoravelmente a misericordia de Deus, mas nem assim a angustia de Esther enfrentava bem o futuro.





Henrique de Paiva Couceiro

O Restaurador da Monarchia no Norte e Presidente da Junta Governativa do Reino



to tempo não linha noticias vossas! Não tive resposta a carta nenhuma. Cheguei a julgar que Genoveva tivesse morrido... que tivesse morrido todos tres... E morreu, já sei, o teu pae, mas Deus traz-me aqui, e rica, com o bastante para terdes dias melhores... Oh! a minha linda e querida Esther! Como estás tão formosa, minha sobrinha, minha filha!

Entretanto, avistou a doente, adormecida e placida, e disse a meia voz:

— Tem estado doente, coitadinha! Mas, passadas as privações, vem a saude...

E, enlaçando a cintura de Esther, caminhou com ella para o leito de Genoveva, abrindo immensamente os olhos negros e piedosos.

Depois, desprendendo a sobrinha, curvou-se devagar, com doçura maternal sobre a enferma, fitando profundamente aquella physionomia de alabastro.

E, encurvando-se mais, depõe um caufello-so beijo sobre a fronte da irmã, regando-a de lagrimas.

E outro...

E outro...

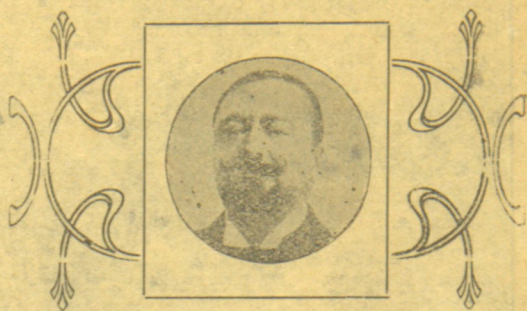
E logo um grilo lancinante, ferrivel como uma suprema angustia, enquanto estorcias as mãos, e empallidecia lugubrememente:

Morta!... Genoveva morreu!... Minha irmã! Minha querida e infeliz irmã!

— Morta! — repeliu Esther, avançando, recuando, e cahindo de chofre sem acordo...

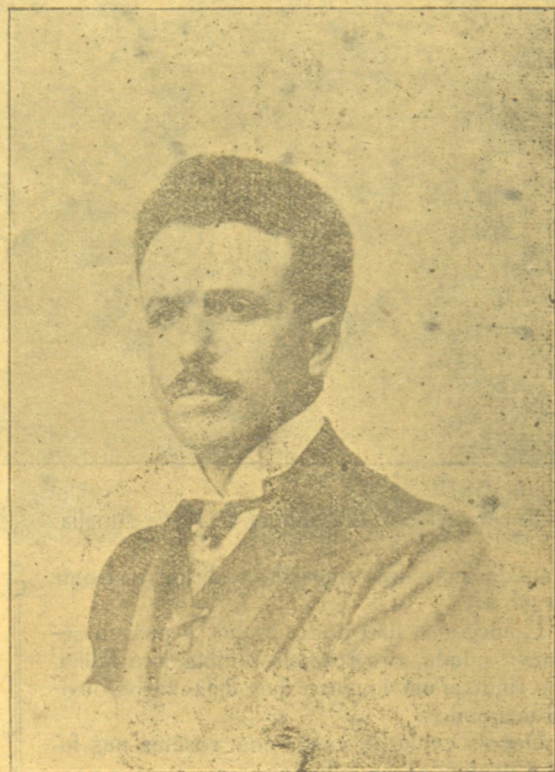
Assim era e, enquanto os soluços e as orações se confundiam com o gemer do vento, a neve cahia, tecendo mais uma mortalha, mais um lençol funebre.....

*José Agostinho.*



Conselheiro Luiz de Magalhães

Ministro dos Estrangeiros



Conde de Azevedo

Ministro da Instrução

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

Os clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouydor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

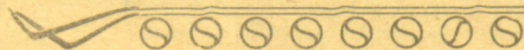
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Alfonso do Paço, capellão da Misericórdia de Viana do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aijubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

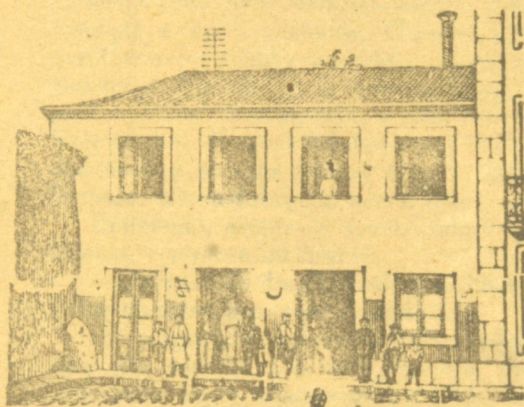
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



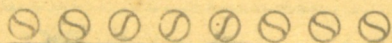
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado d'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

### BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

### Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

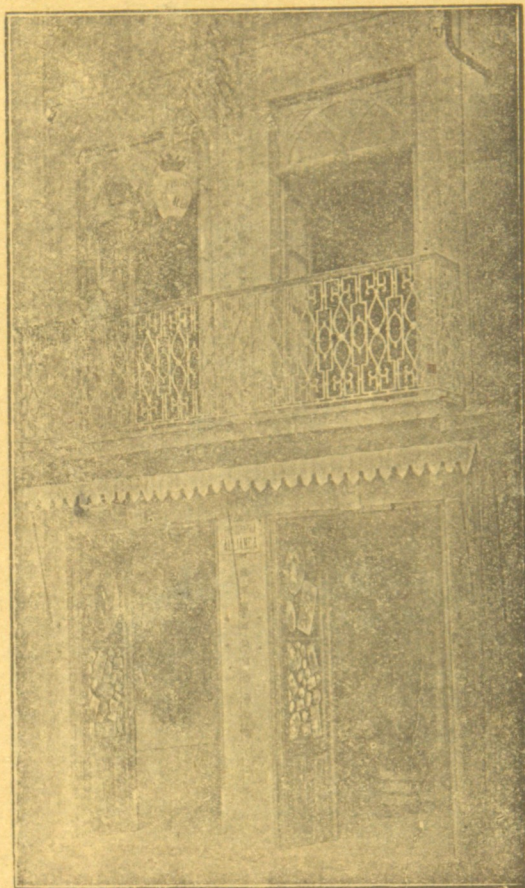
## Colégio Académico GUIMARÃES

### Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade  
Bons resultados nos exames e sólida  
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

*Dr. Alfredo Peixoto  
Luiz Gonzaga Pereira  
P.º José Maria dos Santos*



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44 Praça Alexandre Herculano, 45  
**BRAGA**